



QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA

A docência como gesto de liberdade

Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz



Quando o céu cabe numa cela: A docência como gesto de liberdade

Autora
CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA: A DOCÊNCIA COMO GESTO DE
LIBERDADE



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do
copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Autor

Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz

Publicação

Editora Humanize

Diagramação e Editoração

Luis Filipe Oliveira Duran
Caroline Taiane Santos da Silva
Naiara Paula Ferreira Oliveira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Editora Humanize, BA, Salvador)**

C634q QUEIROZ,Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz
QL27393 .

Quando O Céu Cabe Numa Cela: A Docência Como Gesto De Liberdade - 1^aed. Bahia /
BA: Editora Humanize, 2025
1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-5255-142-9

1. Docência 2. Educação 3. Liberdade
I. Título

CDU 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação	55
2. Docência	57
3. Liberdade	59

SIGNIFICADO DO TÍTULO

O significado do título "**QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA – A DOCÊNCIA COMO GESTO DE LIBERDADE**" é profunda e puramente metafórica.

Ele articula o contraste e a transcendência da experiência da educação em um ambiente de confinamento extremo.

Aqui está o significado desmembrado:

1. "**QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA**" (A Metáfora Central)

Esta é a parte poética e paradoxal do título.

A CELA (O Limite Físico e Institucional): Representa o confinamento, a privação de liberdade, o espaço físico restrito e opressor. No contexto do Centro de Saúde Penitenciário (CSP), a cela também simboliza a interdição e a redução do indivíduo ao seu diagnóstico e ao seu número.

O CÉU (A Expansão e o Infinito): Representa a liberdade, o horizonte, o universo do conhecimento, o sonho, a imaginação, a vastidão da mente e a transcendência. O céu é o oposto absoluto da cela.

O Significado da Junção: A frase sugere que, embora a vastidão e a liberdade do "céu" não possam entrar fisicamente no espaço da "cela," elas podem ser dobradas, contidas e experienciadas dentro da consciência humana.

A Tese Implícita: O aprendizado, a poesia, a reflexão e o sonho são as ferramentas que permitem que a mente se expanda infinitamente, mesmo

quando o corpo está irrevogavelmente preso. É a prova de que a liberdade é um estado de espírito e de consciência, imune às grades de ferro.

2. "A DOCÊNCIA COMO GESTO DE LIBERDADE" (A Ação e a Tese)

Esta é a parte que explica a ação e a intenção do livro, oferecendo a chave de leitura.

A Docência (A Ferramenta): O ato de ensinar, de mediar o conhecimento, de instaurar o diálogo e a reflexão.

Gesto de Liberdade (O Resultado): O ensino não é apenas a transmissão de conteúdo, mas um ato intencional e político-afetivo que visa libertar a mente.

O Significado da Junção: A presença da professora e o ato de ensinar se tornam a ação libertadora dentro do confinamento. É a docência que força o "céu" (o conhecimento, a dignidade, o futuro) a entrar na "cela." Ao ensinar, a professora devolve aos alunos o direito de se tornarem autores de suas próprias narrativas e de imaginarem um futuro para além do diagnóstico e da pena.

Em Resumo:

O título significa que a educação é o veículo através do qual a consciência (o céu) se torna maior que o confinamento (a cela), e o ato de ensinar é a prova de que a liberdade, primeiro, precisa ser conquistada na mente.

"QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA: A DOCÊNCIA COMO GESTO DE LIBERDADE"

A imagem central mostra um close-up de duas mãos: uma mão áspera e envelhecida (simbolizando o aluno, a vida na prisão) e uma mão mais delicada (a professora), que se tocam suavemente na parte inferior. Entre elas, um pedacinho de giz branco irradia uma luz suave, como uma pequena estrela.

O fundo é o interior escuro de uma cela. No centro da cela, no chão de cimento, uma poça d'água reflete um céu imenso e profundo, cheio de nuvens esvoaçantes, preenchendo o espaço da poça com luz e cor. Acima da poça, na parede de concreto, as sombras das grades formam a imagem sutil de grandes asas (como na imagem inicial que você gostou), evocando a liberdade interior e a capacidade de ir além dos muros.

O título "QUANDO O CÉU CABE NUMA CELA" e o subtítulo "A docência como gesto de liberdade" estão em fontes elegantes, talvez em branco ou um tom dourado suave, dispostos de forma a enquadrar a cena central sem sobrecarregá-la, talvez acima das mãos ou como um véu translúcido no alto da cela.

A emoção virá do toque das mãos, a reflexão do contraste entre a poça e o céu, e o simbolismo das asas e do giz como sementes de liberdade.

AVISO AO LEITOR

Todos os nomes de pessoas, locais e situações apresentados neste livro foram alterados para preservar a identidade dos envolvidos. Embora os relatos sejam baseados em experiências reais de docência em uma Escola localizada em um Centro de Saúde Penitenciário (CSP) no Brasil, qualquer semelhança com pessoas ou instituições existentes é meramente coincidência.

O cenário adiciona a complexidade da Medida de Segurança e da saúde mental à privação de liberdade.

Nota: Os Centros de Saúde Penitenciários (CSP) são, em muitos estados, os estabelecimentos que sucederam os antigos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP).



Quando o Céu Cabe numa Cela

A docência como gesto de liberdade

“Atrás do ferro, descobri que a verdadeira chave estava na palavra.”

O que acontece quando a luz do conhecimento encontra os muros de uma prisão e o peso de um diagnóstico?

Em um dos ambientes mais controlados e desumanizados da sociedade — onde o confinamento penal se soma à fragilidade da saúde mental e à incerteza da Medida de Segurança —, a docência torna-se um ato radical de esperança. A autora nos convida a caminhar pelos corredores de uma

prisão brasileira, onde o cheiro de cimento e limpeza se mistura com a densidade do silêncio e o peso de histórias não contadas.

Este não é apenas um relato de ensino; é um mergulho profundo na resiliência humana. A cada página, a professora (e o leitor) descobre que as

grades separam corpos, mas são impotentes diante do poder da escrita, do sonho e da recuperação do nome. Através de exemplos vívidos — do aluno que aprende geometria com sombras ao que reconstrói um caderno rasgado —, a autora revela:

O impacto transformador de um poema em um quadro improvisado.

Como o silêncio dos apenados é, na verdade, uma forma de sobrevivência e de resistência terapêutica.

A busca desesperada pela identidade em um sistema que só reconhece números e patologias.

"Quando o Céu Cabe numa Cela" é um testemunho poético e urgente de que a liberdade não é um lugar físico, mas uma lição aprendida e compartilhada. Uma prova de que, mesmo em um espaço limitado, é possível plantar o saber e colher um futuro, afirmando a sanidade e a capacidade onde a doença tenta dominar.

Ensinar é devolver o nome a quem o perdeu.



PREFÁCIO

O Encontro que Redefine o Humano

Prefaciar *Quando o Céu Cabe numa Cela* é aceitar o convite para testemunhar um dos atos mais sublimes e, paradoxalmente, mais esquecidos da educação: aquele que ocorre na fronteira final do abandono. Este livro não é apenas um relatório de experiências; é um **documento poético sobre o resgate** — o resgate do nome, da história e, fundamentalmente, da dignidade humana.

A autora nos leva para além dos muros visíveis de uma prisão. Ela nos conduz ao Centro de Saúde Penitenciário (CSP), um lugar de complexa interdição, onde a privação de liberdade se duplica pelo peso da Medida de Segurança e pela fragilidade da saúde mental. É neste **território de sombra** que a luz da docência se acende com mais urgência.

Aqui, o giz é mais do que cálcio: é uma ferramenta subversiva que traça linhas de futuro sobre o cimento. A sala de aula, improvisada, torna-se o único lugar onde o aluno, antes reduzido a um número de prontuário, pode, enfim, **recuperar a primeira pessoa do singular: o "eu"**. A autora transforma o ensino em um exercício de escuta radical, mostrando-nos que, em um sistema projetado para isolar e classificar, a palavra é a última barricada contra a desumanização.

Quando o Céu Cabe numa Cela é uma obra essencial, não só para educadores, juristas ou profissionais de saúde mental, mas para qualquer pessoa que se questione sobre o real significado de reabilitação. Ele nos força a encarar o espelho da nossa própria sociedade e a perguntar: **O que sobrevive quando tudo é retirado?** A resposta, pulsante em cada capítulo, é clara: a capacidade humana de aprender, de sonhar e, sobretudo, de se afirmar.

Este livro é um farol que ilumina as "lições do escuro", transformando a cela de concreto em um espaço metafórico onde, de fato, o céu da possibilidade ainda cabe. **Prepare-se para ter sua percepção sobre a liberdade e a educação permanentemente redefinida.**

SUMÁRIO

Capítulo 01 – A porta que fecha e o coração que abre.....	13
Capítulo 02 – O peso do Silêncio.....	15
Capítulo 03 – O giz e o ferro.....	18
Capítulo 04 – Nomes que a cela esqueceu	21
Capítulo 05 – A aula de sonho	24
Capítulo 06 – As lições do escuro	27
Capítulo 07 – O caderno rasgado	30
Capítulo 08 – Palavras que não cabem nas grades.....	33
Capítulo 09 – A liberdade que aprende a esperar	37
Capítulo 10 – Quando o céu cabe numa cela	40
 EPÍLOGO	 43
 SOBRE A AUTORA	 45

CAPÍTULO 01 - A PORTA QUE FECHA E O CORAÇÃO QUE ABRE



O som do portão de ferro fechando atrás de mim é sempre o mesmo: um ruído metálico, seco e final. É a assinatura sonora do cárcere, a lembrança imediata de onde estou e do que, para aqueles que ficam sob custódia e tratamento, significa o fim de qualquer movimento livre. Minha bolsa pesa: não pelas apostilas, que são poucas, mas pelo misto de medo, curiosidade e uma expectativa teimosa que insisto em carregar.

A sala de aula é uma cela ampliada, mas ainda é uma cela. As paredes estão riscadas com datas e nomes antigos; as cadeiras de metal, enferrujadas. É um cenário de negação da beleza. Mas quando me viro para o grupo que se ajeita nas carteiras, a atmosfera muda.

O primeiro dia de aula é o dia dos olhares: olhares que pesam, olhares que avaliam e, sobretudo, olhares que cativam. Ali está João, 28 anos, tentando inutilmente esconder a ansiedade, os dedos tamborilando na mesa. Ao seu lado, Marcos, 32, mantém uma postura defensiva, os braços cruzados como uma barreira física contra qualquer intrusão. Eles não são números para mim. São João. São Marcos. E eu estou ali para lembrar-lhes disso.

Entendo, ali mesmo, que cada sorriso que eu der, cada gesto de acolhimento que eu fizer, não é apenas um cumprimento. É um pequeno, mas radical, ato de coragem em um lugar que se alimenta da ausência dela. A pergunta que gira na chave, que tranca o portão, é a mesma que ecoa em meu peito:

Será que minhas palavras conseguem atravessar essas grades?



CAPÍTULO 02 - O PESO DO SILÊNCIO

O que a escola ensina sobre o silêncio? Que ele é a ausência de som, o respeito à fala do outro. Mas o silêncio que paira na sala de aula da prisão é outra coisa. Ele não é vazio. É denso, tem a textura do concreto, o peso da grade fechada. É um silêncio de sobrevivência.

Quando peço que falem sobre um livro, um sonho, o futuro, eles me entregam o silêncio primeiro. E este é um silêncio cheio de histórias não contadas — aquelas que doem demais para serem externalizadas, ou aquelas que o sistema, há muito tempo, decretou que não eram importantes. Em um Centro de Saúde Penitenciário, o silêncio também pode ser efeito da medicação, ou uma defesa contra a exposição da vulnerabilidade.

Observo-os. O silêncio deles me ensina a prestar atenção em tudo o que não é vocal.

André, que tem os ombros tensos, só consegue escrever quando todos estão imersos em suas tarefas. Seus lábios se movem, mas não em voz alta; é uma oração, uma conversa particular com a ponta do lápis. Ele está escrevendo em segredo, e o tema é sempre o mesmo: a filha. Ele a vê uma

vez por mês, mas a traz para a sala todos os dias, escondida nas entrelinhas de suas palavras. O silêncio dele é a saudade encapsulada.

Lucas é o mais difícil. Ele veio para cá sem saber ler completamente, e o medo da exposição é um muro maior que o do presídio. No primeiro dia, ele apenas rabiscava, fingindo entender a lição. Hoje, porém, ele hesita. Observa a letra "A", tenta traçar a palavra "ÁGUA". A testa dele se franze em uma concentração quase dolorosa. É um esforço monumental, feito em completo silêncio. Quando ele finalmente forma a palavra, há um tremor quase imperceptível em sua mão. Para Lucas, o silêncio é a vergonha do passado que ele está, palavra por palavra, aprendendo a calar.

O silêncio deles não é respeito. É a herança de quem aprendeu que falar é perigoso, que a palavra pode ser usada contra você. Minha tarefa, como professora, não é quebrar o silêncio à força, mas transformá-lo: preciso convencê-los de que o papel está ali para suportar o peso de suas verdades.

“O silêncio deles não é vazio — é sobrevivência. E na minha sala, a sobrevivência pode, finalmente, dar lugar à expressão, que é um sintoma de saúde.”

CAPÍTULO 03 - O GIZ E O FERRO



A sala representa um espaço de oposição entre o ferro e o giz. De um lado, está o ferro: as grades, a estrutura imponente da porta e as cadeiras enferrujadas. O ferro simboliza a lei, o limite e a sensação de tempo paralisado, compondo um cenário frio, duro e inflexível.

Do outro lado, encontra-se o giz, que trago comigo: frágil, calcário, se desfazendo facilmente entre os dedos e capaz de desaparecer com um simples sopro. O giz significa o efêmero, o ensino, a possibilidade de mudança.

O Contraste entre Matéria e Significado

Em cada aula, o contraste entre a fragilidade do giz e a dureza daquele ambiente se tornava evidente. O giz se desgastava rapidamente, sumindo ao formar uma curva geométrica ou ao escrever versos de Drummond. Mesmo assim, deixava para trás um rastro branco temporário no quadro improvisado.

O giz se desfaz, mas deixa marca — como quem ensina. Essa marca, por mais que possa ser apagada da lousa, permanece fixada na mente daqueles que aprendem.

Tempo, Memória e a Lição

Durante uma discussão sobre tempo e memória, escrevi uma equação simples no quadro e logo a apaguei. A poeira do giz pairou no ar e o quadro ficou limpo, como se nada tivesse sido escrito. Nesse momento, Mário, um aluno normalmente silencioso, levantou a mão e trouxe um questionamento importante.

O Diálogo: O Que Fica?

Aluno (Mário): “Professora, o que acontece quando escrevemos uma coisa e depois apagamos ela?”

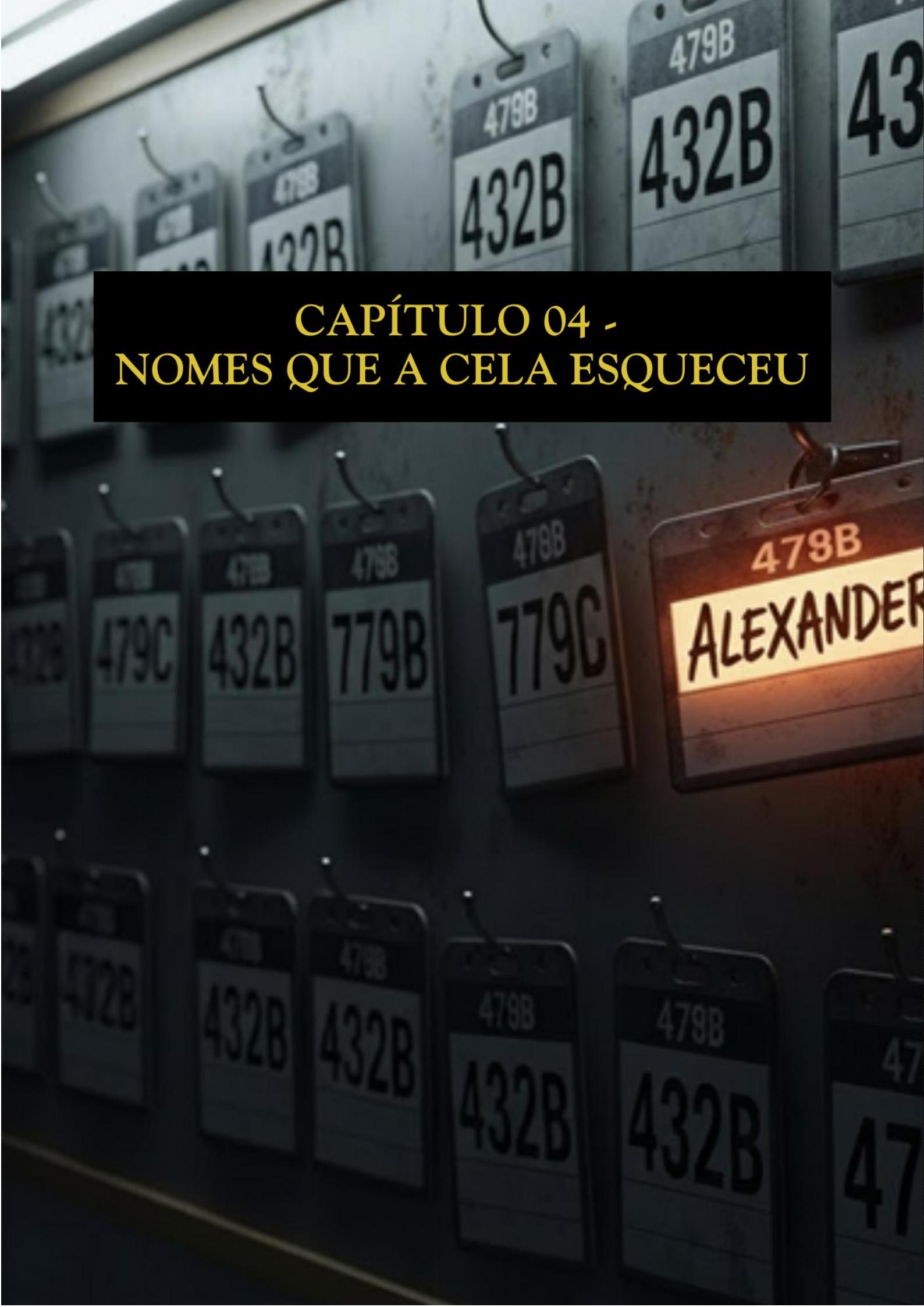
Professora: (Pego um pedaço novo de giz. Olho para a poeira que ainda paira no ar.) “O que fica na lousa, Mário, é a marca que o giz deixou. É temporária. Mas o que acontece aqui...” (Bato de leve na minha têmpora) “...o que fica na mente, na maneira como você entende a fórmula, isso nunca se apaga.”

Aluno (Mário): (Olha para as grades da janela, depois para o chão de cimento.) “Então a lição... ela não tem grade?”

Professora: “Não. A lição não obedece ao ferro. Ela se move com você, para onde você for. Ela é sua, mesmo que o giz já tenha virado pó.”

Aquele diálogo foi a verdadeira aula. Não sobre matemática ou poesia, mas sobre a natureza da permanência. O ferro estava ali para nos lembrar da prisão, mas o pó do giz, invisível no ar, nos lembrava que o aprendizado é imune ao confinamento. A fragilidade de um material estava desafiando a solidade do outro, provando que a construção da ideia é mais forte que a construção do muro.

Assim, a experiência em sala revela que, embora o ferro imponha limites físicos, a lição ensinada — tal como o giz — ultrapassa essas barreiras. O ensino permanece além das grades, acompanhando cada aluno em sua trajetória, mesmo quando os sinais materiais já desapareceram.



CAPÍTULO 04 - NOMES QUE A CELA ESQUECEU

Na minha sala de aula, porém, a primeira regra não escrita é: aqui, você tem nome.

“Qual é o seu nome completo? E qual era o seu nome no mundo lá fora, antes de virar um número?”

A pergunta era simples, mas sempre causava um pequeno choque. Eles se apresentavam formalmente, como se estivessem diante de um juiz ou de um agente de segurança. Mas eu insistia: “Não, me diga quem você é.”

João era o mais eloquente ao se reapresentar. Para o sistema, ele era o Interno 432B. Para mim, ele era João, o quase-físico.

“Professora, antes de tudo, eu era aquele que olhava para o céu. Eu comecei a faculdade de Física. Eu queria saber como as coisas funcionam, como o universo se move.” Ele falava com uma paixão contida, os olhos fixos na mesa, como se estivesse revendo as estrelas através do teto de concreto. O número 432B não sabia resolver equações diferenciais, mas João, sim. Eu desenterrei alguns livros didáticos velhos e, pela primeira vez, vi o brilho de um estudante em seu olhar, o brilho de quem se lembra do seu nome de vocação.

Marcos, o defensivo do primeiro dia, era o Interno 779C. Na sala, ele se tornou Marcos, o músico frustrado.

“Eu só queria tocar. Tocar violão. A música me tira daqui, Professora. Quando eu canto na cabeça, eu esqueço do cheiro, do som da grade. Eu não sou o 779C. Eu sou a nota que falta no violão.”

A diferença entre o número e o nome era a distância entre a grade e o céu. O número era o limite imposto; o nome, a extensão da alma. Ensinar não era apenas sobre o português ou a matemática; era sobre devolver-lhes a permissão para serem humanos completos, além do prontuário.

“A cela esquece os nomes, mas na minha sala, a caneta tem o poder de recuperá-los. Ensinar é devolver o nome a quem o perdeu, e afirmar a identidade para além do diagnóstico.”



CAPÍTULO 05 - A AULA DE SONHO

O exercício era simples, mas brutal em sua exigência de vulnerabilidade: "Escreva sobre um sonho. Não um sonho que você teve dormindo, mas o sonho que te faz seguir em frente."

Pedi que dobrassem o papel de forma que eu pudesse lê-los em segredo. Ao recolher os cadernos e me retirar para a mesa, senti o peso de cada folha – não pelo material, mas pela carga de esperança frágil que continham.

O sonho de Lucas, o aluno que lutava para formar as palavras, era conciso, escrito em letras grandes e hesitantes: "Eu quer ver o mar. Sentir o sal."

A simplicidade me atingiu como uma onda fria. Para Lucas, que só conhecia o cimento, o ferro e o cheiro de desinfetante da cela, o mar representava o oposto absoluto da contenção. O mar não tem grades; é a fronteira que se expande para o infinito, o som do movimento ininterrupto. Seu sonho era a liberdade mais pura e primitiva, a imensidão azul que se opunha à mesmice cinzenta.

O relato de Ana, a única mulher na minha turma mista, era ainda mais cortante. Ela não falava sobre paisagens, mas sobre contato físico: "Meu sonho é que um dia eu possa abraçar meu filho e ele não ter medo de mim. E que esse abraço dure dez minutos, sem ninguém falar que acabou o tempo."

Dez minutos. O abraço de Ana era a negação de todo o confinamento, a necessidade primal de se reconectar ao laço mais vital.

Entendi, enquanto lia a caligrafia de Pedro (que desejava tocar violão de novo) e de todos os outros, que o exercício não era de escrita, mas de autoafirmação existencial. Em um Centro de Saúde Penitenciário, sonhar é um ato de saúde mental, é a prova de que o eu ainda existe e se projeta para fora do confinamento clínico e penal.

Voltei para a turma, com os papéis dobrados, e olhei-os um a um.

“A liberdade pode ser roubada dos seus corpos, mas não da mente. O que vocês escreveram hoje é a verdade mais importante que cabe neste lugar. Sonhar é a maior lição de liberdade.”



A photograph of a person's hands and a skateboard on a light-colored tiled floor. The floor has large, square tiles with white grout lines forming a grid. Strong, geometric shadows of the person's body and the skateboard are cast onto the floor, creating a pattern of triangles and rectangles. The person is wearing a dark t-shirt and dark pants. The lighting is dramatic, with deep shadows and bright highlights on the floor and the person's hands.

CAPÍTULO 06 - AS LIÇÕES DO ESCURO

A escassez é a regra, não a exceção. Os livros são poucos, maltratados. As lâmpadas, fracas e distantes. Em um ambiente ideal, teríamos projetores e materiais. Mas aqui, a falta de luz, livros e recursos não impedia a aula; ela a forçava a ser criativa.

O ambiente em si se tornava o material didático.

Certo dia, a aula de matemática avançou para a geometria, um tema que geralmente dependia de régua e compasso. Ninguém ali tinha um compasso. Tínhamos apenas um pedaço de giz, a mesa de metal, e a luz fraca que vazava pela única janela alta.

A sombra que a grade da janela projetava no chão de cimento era a única forma de luz mais definida. E foi ali que percebi a oportunidade. Chamei um aluno, Rafael, para perto da janela.

“Rafael, olhe para a sombra que o ferro está fazendo no chão.”

Ele se ajoelhou e observou o padrão de quadrados e retângulos projetados. A luz, ao ser obstruída, estava desenhando linhas perfeitamente retas e ângulos precisos. Era a geometria ensinando a si mesma.

“Isso é uma linha. Isso, uma paralela. Onde elas se encontram, temos um ângulo reto,” eu expliquei, traçando o contorno da sombra com o giz. “A grade está presa, mas a sombra se move. Você pode medi-la, pode estudá-la.”

Rafael, com os olhos vidrados, pegou o giz e começou a traçar os contornos das sombras que a própria carteira projetava. De repente, os objetos que representavam o confinamento — a grade, a mesa de metal — tornavam-se mestres da precisão. As prisões da luz (o ferro) estavam gerando conhecimento.

Criamos um sistema de coordenadas inteiramente baseado nas sombras do nosso pequeno mundo.

“Entre as sombras, o saber brilham mais forte. A lição mais profunda é que o conhecimento não depende do que você tem, mas do que você consegue ver, mesmo com pouca luz.”

A escassez nos obrigou a olhar para o ambiente de uma forma nova, a ver a geometria na cela, a física no som da porta, e a poesia na solidão. A verdadeira riqueza da aula estava no improviso e na redescoberta de que o aprendizado é um ato de transcendência.



An open notebook with yellow sticky notes and a pen. The notebook has horizontal lines and some handwritten text. The title is overlaid on a black rectangular box.

CAPÍTULO 07 - O CADERNO RASGADO

AINDA CABE MAIS

A sala estava estranhamente quieta. Não o silêncio denso e expectante do Capítulo 2, mas um silêncio interrompido por um som violento: o rasgar de papel.

Olhei para a última fileira. Era Pedro, o mesmo que sonhava em tocar violão. Ele não estava simplesmente descartando uma folha; estava realizando um ato de raiva e desespero. O caderno, seu único caderno, estava em suas mãos, e ele o rasgava em tiras finas e irregulares, como se quisesse pulverizar a tinta, o papel e todas as palavras ali contidos.

Aproximei-me dele com cautela.

“Pedro, o que houve?”

“Acabou, Professora,” ele sussurrou, a voz rouca. “Não adianta. Essas folhas... elas só têm erros. Erros de português, erros de matemática, e... os erros que me trouxeram para cá. Eu não consigo mais escrever em cima deles. Eu quero apagar tudo, começar de novo, mas não dá!”

O caderno rasgado não era apenas um material didático destruído; era o espelho de uma vida que ele sentia ter sido irreparavelmente despedaçada. Cada tira de papel era a memória de uma perda.

Eu me sentei ao lado dele, recolhi as tiras espalhadas e as juntei em uma pilha. Peguei o único rolo de fita crepe que tínhamos para prender os mapas na parede. Comecei a unir, cuidadosamente, as bordas rasgadas. O resultado era imperfeito: o papel estava amassado, a caligrafia estava desalinhada onde a fita unia os fragmentos. O caderno estava cheio de cicatrizes.

“Olhe,” eu o instruí, mostrando o caderno remendado. “Não é um caderno novo. É um caderno reconstruído. As marcas estão aqui. Elas contam a história do que foi rasgado, do que foi perdido. Mas a página ainda está aqui. E, veja bem: ainda cabe mais escrita.”

Pedro levou a mão ao caderno, sentindo a aspereza da fita. Seus erros estavam registrados, visíveis como as linhas da fita. Mas também estava visível a prova de que a reconstrução era possível. Ele pegou uma caneta e, com a mão firme, começou a escrever sobre a linha remendada.

“Entre as páginas rasgadas, ainda cabia esperança. E o ato de colar os pedaços ensina a lição mais difícil de todas: a vida se reconstrói, não apagando o passado, mas aceitando as cicatrizes.”



CAPÍTULO 08 - PALAVRAS QUE NÃO CABEM NAS GRADES



Se o ferro era a matéria-prima do confinamento e o giz, a da fragilidade, a palavra era a matéria-prima da resistência.

A palavra não tinha peso, não emitia som alto e, crucialmente, não podia ser confiscada. Ela se alojada na mente.

Discutíamos o conceito de liberdade de expressão, e eu fiz uma provocação: "O que, neste lugar, realmente não pode ser confinado? O que não cabe nas grades?"

As respostas vieram rápidas e céticas: "O vento", disse um. "O pensamento", disse outro.

"O pensamento é poderoso," eu concordei. "Mas ele precisa de uma ponte para o mundo. O pensamento é a semente. A palavra é a semente plantada e cultivada."

A escrita, especialmente a poesia ou a escrita de relatos, tornou-se o principal gesto de liberdade da sala. Ao escrever, eles recuperavam o controle sobre sua própria narrativa. Não eram mais

A Palavra como Instrumento de Liberdade

Ao contrário do que muitos pensam, aqueles que se encontram privados de liberdade não são apenas personagens de um processo judicial ou peças de um sistema de segurança; eles se tornam narradores de suas próprias vidas. A escrita oferece essa possibilidade de reapropriação da narrativa, tornando cada indivíduo protagonista de sua história.

O Poder Transformador da Palavra

A metáfora da cela como uma caixa fechada foi utilizada para instigar a reflexão: o que a palavra pode fazer diante de tal confinamento? O diálogo em sala de aula aprofundou essa questão, revelando que a palavra, ao ser registrada no papel, assume um caráter físico, concreto e libertador.

Diálogo

Professora: “Pensem na palavra como algo físico. Cada palavra que vocês colocam no papel, cada verso, cada história que inventam...”

Aluno (João): “É um peso que a gente tira de dentro?”

Professora: “É mais do que isso. Cada palavra é uma janela que vocês abrem para o mundo, a partir desta sala.”

Aluno (Marcos): (Marcos, o músico, hesita e depois fala com convicção) “E cada janela pode ser uma porta, Professora?”

Professora: (Olhando para a janela alta, gradeada.) “Sim, se você ousar atravessá-la. A palavra te dá a chave, te dá o mapa, te dá o passo. Quando você escreve, você está dizendo: ‘Eu estou aqui, eu penso, eu sinto, e o meu mundo é maior do que este metro quadrado’.”

Assim, a palavra se revela como o único veículo de fuga que o sistema não consegue rastrear ou proibir. Os corpos podem ser presos, mas a complexidade de um soneto permanece livre, inalcançável pelas grades.

O Exercício da Liberdade

No encerramento da aula, foi proposto um exercício: escrever uma palavra de liberdade na lousa. As escolhas revelaram horizontes internos e externos — Horizonte, Filho, Mar, Perdão, Recomeço. Essas palavras,

impossíveis de serem contidas pela cela, ocupam o espaço da lousa e retornam à mente, reafirmando que a verdadeira liberdade está na expansão da consciência.

CAPÍTULO 09 - A LIBERDADE QUE APRENDE A ESPERAR

Documentário Brasileiro Documentário Brasileiro
Documentário Brasileiro Documentário Brasileiro

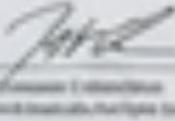
CERTIFICADO DE CONCLUSÃO

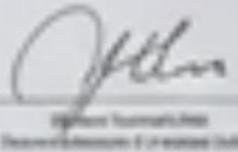
É com grande satisfação que

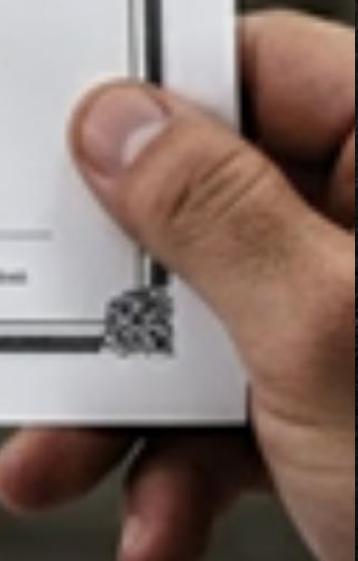
De sua de competência e competência, em nome da sua organização, certifico

João da Silva

De acordo com o seu currículo profissional, a sua formação acadêmica e a sua experiência profissional, o certificado é


João da Silva
Professor e Documentarista
Documentário Brasileiro Documentário Brasileiro


Documentário Brasileiro
Documentário Brasileiro Documentário Brasileiro



O dia da formatura não tinha pompa nem circunstância. Não havia becas, hinos ou auditórios. A "cerimônia" ocorreu ali mesmo, na sala improvisada.

O que tínhamos, no entanto, era indescritivelmente mais valioso: a prova material da conquista. Os certificados que eu entreguei atestavam algo profundo: o esforço mental e a coragem de aprender em um lugar que nega a evolução.

Chamei cada um pelo seu nome completo, e não pelo número. A mão que estendeu o certificado a João, o quase-físico, estava ligeiramente trêmula, emocionada. Ele a recebeu como se fosse um documento de alforria, olhando para o seu nome impresso com uma reverência que eu nunca havia visto.

“Professor, a gente não vai ter festa, né?” perguntou Lucas, o aluno que agora conseguia ler seu próprio certificado.

“A festa é o que vocês sentem aqui,” respondi, apontando para o coração e para a cabeça. “A festa é a prova de que vocês cumpriram o que se propuseram a fazer. E a festa é a sua nova espera.”

A espera na prisão é geralmente uma contagem regressiva da pena. Mas em um Centro de Saúde Penitenciário, a espera é a do laudo pericial, que define o fim da Medida de Segurança. A espera que o conhecimento inaugura é diferente: é a espera de um futuro possível, onde as habilidades e os sonhos que eles redescobriram têm um lugar. O aprendizado se torna, indiretamente, uma prova de capacidade e de melhora.

Ao final, percebi a transformação. A tristeza não tinha desaparecido, mas havia uma nova luz nos olhos.

“A liberdade não é um lugar — é uma lição. E a maior lição é que, embora o corpo ainda esteja preso, a alma já aprendeu a esperar com propósito.”

O certificado não era a chave para a porta da cela, mas era a chave para a porta de uma vida que eles começavam a planejar.



CAPÍTULO 10-
QUANDO O CÉU CABE NUMA
CELA



O portão pesadíssimo rangeu. O metal ecoou. Saí da instituição pela última vez naquele ciclo letivo, e o barulho de fechamento soou como um 'obrigada' e um 'adeus'. Respirei o ar da rua, que parecia leve demais, vasto demais.

O céu, lá fora, era imenso. Aberto, sem fronteiras visíveis. Eu olhava para ele, pensando na ironia: este céu vasto, que cobre cidades, campos e oceanos, jamais caberia fisicamente dentro daquelas quatro paredes. E, no entanto, eu sabia que a vastidão estava lá.

A docência em um ambiente de privação é, sobretudo, um exercício de fé na capacidade humana de expansão. Quando ensinamos a um homem a ler, abrimos para ele não apenas a página de um livro, mas todo um universo de ideias. Quando ensinamos a Lucas sobre o mar, o horizonte, a geografia, nós forçamos o céu a se dobrar e entrar, sutilmente, pelo estreito rasgo de uma janela.

Eu entendi que a minha liberdade estava intrinsecamente ligada à deles. Todos os dias, eu entrava na prisão para ensinar, mas saía com a lição. Eles me ensinaram sobre a resiliência que nasce quando tudo é negado; sobre a coragem necessária para reconstruir um caderno rasgado; sobre o valor de um nome em um mundo que só reconhece números e patologias.

O céu não precisava estar visível para estar presente. Ele era o sonho de João de ver as estrelas novamente, a promessa de abraço de Ana, a melodia silenciosa de Marcos. O céu era a verdade de que, não importa o quão pequeno o espaço, a mente pode ir além, a qualquer momento.

“O céu não cabe no mundo — mas coube, por um instante, dentro da minha sala. Ele coube nos certificados entregues, nos versos de poesia e na certeza de que, entre quatro muros, a esperança é a nossa arquitetura mais forte.”

Ensinar é plantar liberdade em solo limitado. E eu saía dali sabendo que havia plantado muitas sementes.

Eles me ensinaram sobre a resiliência que nasce quando tudo é negado; sobre a coragem necessária para reconstruir um caderno rasgado; sobre o valor de um nome em um mundo que só reconhece números e patologias. A sala de aula era, portanto, o espaço onde a capacidade de pensar, de aprender e de narrar provava a sanidade.

EPÍLOGO

Saio todos os dias da prisão, mas parte de mim fica.

Fica entre as carteiras, entre os muros, entre as vozes que me ensinaram o que é ser livre.

Fica no pó do giz que desafiou o ferro e nas páginas rasgadas que voltaram a ser escritas.

Parte de mim é agora o som de um violão imaginário na cabeça de Marcos, e o sal que Lucas sente na ponta dos dedos ao sonhar com o mar.

Porque a liberdade, aprendi, é verbo. É o verbo escrever, o verbo sonhar, o verbo esperar. E verbo, quando ensinado, nunca mais se cala.

Encerrar este livro é reconhecer que a experiência de ensinar em um espaço de privação de liberdade e tratamento psiquiátrico não se fecha com um portão que range, nem com a entrega de certificados. Ela permanece, insistente, ecoando em qualquer reflexão posterior sobre o papel social da educação.

A docência em um CSP revela, antes de tudo, que o ato de ensinar é estruturalmente relacional. O conteúdo importa, mas é o vínculo — frágil, tenso, delicado — que sustenta o processo de aprendizagem em um ambiente marcado pela ruptura dos laços familiares, pela medicalização intensa e pela despersonalização institucional. Ensinar ali significou restituir o nome, reconstruir a autoestima, devolver o direito à palavra. Foi menos sobre currículo e mais sobre reconhecimento.

Os limites dessa prática também se fazem visíveis. A educação dentro de instituições de privação esbarra em fatores estruturais: escassez de materiais, falta de equipamentos, interrupções imprevistas, rotinas rígidas, impactos da medicação, crises clínicas, avaliações psiquiátricas que redefinem presenças e ausências. A escola não consegue — e não deve — substituir o cuidado em saúde mental ou a reabilitação jurídica. Entretanto, mesmo limitada, ela é um espaço de estabilização emocional, um lugar de respiração, um refúgio simbólico onde os alunos conseguem reorganizar sua própria narrativa.

A potência da escola nesse contexto não está na grandeza dos recursos, mas na simplicidade dos gestos. Um pedaço de giz pode ser uma ferramenta de autonomia. A sombra de uma grade pode se tornar um instrumento geométrico. Um poema escrito em silêncio pode reorganizar subjetividades. A palavra escrita, sobretudo, desobedece ao confinamento: ela cria janelas e deslocamentos que a instituição não controla.

Essa experiência revela também muito sobre o país. Mostra um sistema penal que ainda opera pela lógica da contenção mais do que pela reconstrução. Mostra que, no Brasil, a saúde mental e a justiça frequentemente se entrelaçam de maneira conflituosa, deixando indivíduos em rotas circulares entre laudos, reclusão e invisibilidade. Nesse cenário, a escola torna-se uma ilha mínima — mas real — de dignidade e agência. Ela afirma que, mesmo quando o corpo é interditado, a consciência continua sendo território de liberdade.

Para a formação docente, fica a lição mais difícil — e talvez a mais urgente. Ensinar não é apenas transmitir saberes. É reconhecer contextos, desafiar determinismos, sustentar presenças e criar condições para que o outro se torne autor de si. Em ambientes extremos, a docência desnuda sua essência: ensinar é um gesto de fé na possibilidade de mudança humana. É

plantar palavras onde tudo parece estéril. É insistir na beleza mesmo quando o espaço parece negá-la.

A experiência mostra que a educação não salva ninguém sozinha. Não romantiza trajetórias. Não apaga diagnósticos. Mas ela oferece algo tão valioso quanto raro: um instante de humanidade. Uma fresta. Um começo.

É por isso que, mesmo diante de muros tão altos, a escola persiste. Porque, quando o conhecimento encontra um sujeito — qualquer sujeito, em qualquer lugar —, algo se desloca. Algo se amplia.

E é nesse deslocamento que a liberdade começa.



SOBRE A AUTORA



CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

Doutoranda em Ciências da Educação

Mestre em Ciências da Educação

Graduada em Psicologia

Graduada em Psicopedagogia

Graduada em Pedagogia

Profissional com formação multidisciplinar e ampla experiência docente. Atua na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Centro de Observação Criminológica e Triagem em Pernambuco.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3299-5405>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4022718966772151>